

Cores da Sujeição: Enunciados sobre a (Homo)Sexualidade dentro de uma Igreja Evangélica

Colors of Subjection: Linguistic Utterances on (Homo)Sexuality in an Evangelical Church

*Antônio Augusto Lemos Rausch¹ 

*Marco Aurélio Máximo Prado² 

Resumo

Este artigo analisa os discursos de líderes religiosos sobre a inclusão da homossexualidade nas igrejas evangélicas, destacando as interpretações teológicas e bíblicas presentes nas práticas de evangelização de um ministério destinado a pessoas LGBT. A partir dos conceitos de censura, armário e sujeição, compreende-se como estes discursos sobre a homossexualidade operam um movimento duplo, de constrangimento e reconhecimento, materializando a proibição da homossexualidade no contexto religioso. Para tal, analisa-se o discurso de líderes religiosos, materiais evangelísticos, notícias e postagens em redes sociais. Ao final, evidencia-se como os sujeitos homossexuais e sua presença dentro da igreja são compreendidos como partes diferentes de um corpo, e cada qual representa uma “função” ministerial distinta, ou um dom concedido pela graça divina.

Palavras-chave: análise do discurso; discurso religioso; sexualidade; homossexualidade.

Abstract

This article discusses the discourses of religious leaders on the inclusion of homosexuality in evangelical churches, highlighting the theological and biblical interpretations present in the evangelization practices of a ministry aimed at LGBT individuals. Based on the concepts of censorship, closet and subjection, we understand how these discourses on homosexuality operate a double movement of constraint and recognition, materializing the prohibition of homosexuality in the religious context. To this end, the discourse of religious leaders, evangelistic materials, news and posts on social networks are analyzed. The article concludes that the homosexual subjects and their presence within the church are understood as different parts of a body, each representing a different ministerial “function” or a gift granted by divine grace.

Keywords: discourse analysis; religious discourse; sexuality; homosexuality.

¹ Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI/UFMG, Belo Horizonte, MG, Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0133-6078>.

² Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI/UFMG, Belo Horizonte, MG, Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3207-7542>.

Introdução³

O debate público sobre a sexualidade e religião é permeado por atores distintos articulados ao redor de categorias e problemas de ordem política. Os discursos preconceituosos sobre as homossexualidades e transgeneridades por líderes religiosos e as “práticas de correção” mobilizam polêmicas, nas quais a defesa da liberdade religiosa irrestrita é apresentada de maneira antagônica ao reconhecimento da diversidade de sexualidade e gênero nos contextos religiosos. Apesar da existência de atores de diferentes filiações religiosas neste debate, o protagonismo evangélico é significativo na mídia e em diferentes níveis institucionais do Estado brasileiro.

Este texto discorre sobre um estudo acerca das diferentes posições no discurso sobre a sexualidade em igrejas evangélicas, especificamente na Igreja Batista de Lagoinha (IBL), situada na cidade de Belo Horizonte. A “Lagoinha”, localizada no bairro São Cristóvão, em Belo Horizonte, é uma igreja evangélica fundada em 1957 pelo missionário José Rego do Nascimento e outros 32 jovens que congregavam anteriormente na Igreja Batista do Barro Preto. Em julho 1961, a IBL (junto com outras 32 outras igrejas batistas) foi expulsa da Convenção das Igrejas Batistas do Brasil, que aconteceu em Juiz de Fora, no estado de Minas Gerais. O desligamento se deu em função das divergências teológicas relacionadas às características carismáticas que estas igrejas adotaram, deslegitimadas pela religiosidade tradicional batista (Tognini; Almeida, 2007).

A Igreja Batista da Lagoinha, ao longo da primeira década do século XXI, expandiu sua atuação no Brasil e internacionalmente através de uma intensa participação midiática. Entre as atividades da igreja, destacam-se o Ministério de Louvor Diante do Trono (DT), liderado pela cantora Ana Paula Valadão, e o Ministério Fé, liderado pelo pastor André Valadão (atual pastor presidente da Lagoinha Global), irmão de Ana Paula, que integrou o DT, e também filho do pastor e ex-presidente da IBL, Márcio Valadão. A atuação política da IBL tem incidências distintas nos níveis regional e nacional, todavia a expansão midiática e publicitária do Diante do Trono e da “Família Valadão” tornou a igreja notória no cenário religioso e político brasileiro. Além do nível institucional, através do apoio a candidaturas nas casas legislativas e a cargos executivos municipais, estaduais e federal, a igreja também exerce grande influência cultural. Exemplo disso são as frequentes declarações de Ana Paula e André Valadão condenando a homossexualidade, que geram comoção pública de movimentos sociais e outros setores da sociedade.

Apesar das declarações públicas controversas, a *Lagoinha* desenvolveu, ao longo dos anos, diversas atividades voltadas ao público LGBT. Estas atividades envolviam serviços de psicoterapia, conhecidos popularmente como “cura gay” (concentrados no extinto Ministério Gileade), retiros espirituais e ações de evangelização nas paradas do orgulho LGBT na cidade de Belo Horizonte, vinculadas inicialmente à “Mocidade Lagoinha” (como era referido o ministério de jovens da igreja). A partir de 2014, a igreja sediou o Movimento Cores, um ministério evangelístico direcionado especificamente às pessoas LGBT liderado pela pastora Priscila Coelho, que esteve vinculada à instituição até o seu desligamento, em 2023.

³ Estas reflexões se baseiam no estudo realizado para a dissertação de mestrado intitulada “Práticas religiosas, (homo)sexualidade e Psicologia: política sexual e subjetivação entre a Igreja e o Mundo”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, em fevereiro de 2024.

O ministério se situou na Lagoinha Savassi, na Avenida do Contorno, até 2022, e na Rua Rio de Janeiro, no centro de Belo Horizonte, até 2023, ano em que se desligou da IBL logo após a repercussão nacional das pregações do pastor André Valadão com conteúdo homofóbico e de incitação à violência contra pessoas homossexuais. Em vídeo publicado no Instagram, Priscila Coelho anunciou o desligamento da Igreja Batista de Lagoinha por discordâncias em relação à abordagem evangelística da população LGBT. Em vez de compreender este rompimento como efeito dos eventos recentes, retornaremos aos acontecimentos da última década para entender o surgimento destas posições a respeito da inclusão/exclusão LGBT dentro da instituição.

Metodologia

O material desta pesquisa é composto por dados de natureza documental, sendo estes: textos, vídeos, transmissões ao vivo de cultos e palestras, programas de televisão, postagens em redes sociais, materiais de divulgação e evangelização produzidos pelo Movimento Cores (MC) e pela *Igreja Matriz*, como é referida a unidade localizada no bairro São Cristóvão, em Belo Horizonte. Para tal, adota-se a pesquisa documental (Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009; Nunes; Simeão; Pereira, 2020; Grazziotin; Klaus; Pereira, 2022) como uma estratégia metodológica que permite resgatar, a partir dos registros produzidos no contexto religioso, parte da história das práticas sociais nas fontes primárias, com menor intervenção dos pesquisadores na sua produção.

Além disso, compreende-se o discurso como uma prática articulatória que constitui e organiza as relações sociais, e não como uma entidade meramente cognitiva ou contemplativa (Laclau; Mouffe, 2015, p. 167). Nesse sentido, partimos do pressuposto de que as identidades performadas nestes materiais não são entidades estáveis ou imutáveis. Ao contrário disso, elas se transformam nos processos de articulação e enunciação do próprio discurso. A articulação, nesta concepção, é um processo de tornar as posições diferenciais equivalentes em cadeias de significado que transformam os elementos articulados por este mesmo processo (Laclau; Mouffe, 2015). Nesta investigação, há um interesse particular pela regulação da homossexualidade, todavia, compreendemos aqui que estas formas de proibição também operam movimentos de produção e enunciação discursiva. A análise do discurso e da interdição da homossexualidade desenha-se, aqui, como uma descrição dos efeitos performativos dos enunciados de proibição.

Proibição, Censura e Sujeição: Reflexões Teóricas

No texto bíblico, a passagem mais notável sobre a proibição da homossexualidade aparece no Antigo Testamento, no versículo de Levítico 18:22: “Não te deitarás com varão, como se fosse mulher; é abominação.” Este pequeno trecho aparece frequentemente nos discursos inflamados de alguns pastores ou líderes evangélicos, como o bispo Edir Macedo, o pastor André Valadão e o pastor Silas Malafaia. Estas e outras lideranças evangélicas repetem este versículo como a justificativa bíblica para a condenação das homossexualidades e sua eliminação da vida social e religiosa. Este mesmo uso do texto bíblico aparece em discursos parlamentares sobre o “casamento gay” ou outros assuntos de direitos de *minorias sexuais*.

No entanto, vamos considerar que as falas destes líderes religiosos conservadores são insuficientes para fazer o que se propõem: eliminar a homossexualidade do campo de reconhecimento linguístico. Ao contrário disso, para efetivamente produzir os efeitos de proibição a “segunda parte” do versículo é igualmente (e talvez até mais) importante. É a partir dela que se instaura um novo regime de reconhecimento do que comumente chamamos de “homossexualidades”, uma forma pela qual a sexualidade e o gênero podem ser compreendidos a partir do texto religioso no enquadramento de abominações do gênero, nos seus perigos, e nas formas de lidar com elas. Compreenderemos este trabalho de repetição ordenada desta proibição nas práticas religiosas e como estas ordens proibitivas são um convite à ação.

Partindo da ideia que a “abominação” se torna um o “artefato” da proibição, e conseqüentemente uma possibilidade de sua experimentação, duas questões surgiram para elaboração: a primeira delas é como se organizam nas relações sociais algumas formas de controle e vigilância sobre a sexualidade, estruturadas a partir de formas de conhecimento e desconhecimento sobre ela; a segunda delas é como a proibição instaura um regime de reconhecimento a partir da negação, no qual a ação é restrita em alguns termos, ao mesmo tempo que se expande a partir de outros. Estas duas questões não são facilmente separáveis, mas utilizamos estas duas chaves de análise para compreender como se constitui a regulação discursiva da sexualidade no contexto das experiências religiosas, e como estas formas de pensamento e práticas epistêmicas se expandem ou se contraem no campo social.

O armário é uma experiência que atravessa, em diferentes níveis e em suas diferentes particularidades, uma boa parte das experiências *queer* contemporâneas. “Sair do armário” pode ser considerado uma ação ou um rito pelo qual apresentamos ao mundo uma outra identidade sexual que até então era mantida em segredo. Como argumenta Eve Kosofsky Sedgwick (2007), do lado de fora, aquele que recebe a informação pode reagir com surpresa, pode dizer que já sabia, pode reagir com raiva, e até mesmo com carinho. O lado “de fora” do armário é um campo contingente de reações imprevisíveis. Apesar disso, o que a cena do armário evoca é um desconhecimento da identidade sexual como um ato de desconhecer, não como um vazio de conhecimento. Ao revelar uma outra identidade sexual, o desconhecimento do “outro” se mostra um espaço ocupado densamente por uma pressuposição de conhecimento sobre a sexualidade.

O pensamento de Eve Sedgwick (2007) nos ajuda a interpretar a cena da saída do armário e nos coloca uma nova pergunta: quando é que se entra no armário? Muito se fala no momento de saída, mas a ação de entrar não parece uma narrativa fácil de ser recuperada. Eve sugere que os armários vão se constituindo na medida em que as relações acontecem, na medida em que o sujeito se vê frente a um novo cálculo de revelar ou não sua identidade sexual, e as possíveis conseqüências disso. A cada novo colega, novo chefe, novos alunos... a cada nova pessoa que atravessa nossa vida, outros muros vão sendo construídos, ao ponto de que, mesmo que alguém que seja pública e abertamente gay, ainda estará no armário para alguma pessoa, como frente ao seu gerente de banco. O que a experiência de “sair do armário” também nos lembra é que esta forma de conhecer, ou o ato de desconhecer como uma pressuposição de conhecimento, acontece num campo de reconhecimento, onde o sujeito está, de alguma forma, sujeito a outro. O ato de “revelar” ou “esconder” uma expressão da sexualidade exige um cálculo que coloca em xeque a capacidade de sobrevivência do sujeito, o seu reconhecimento dentro do campo normativo e a própria estabilidade deste campo normativo.

Vamos considerar que antes mesmo do próprio reconhecimento de uma identidade sexual nos subjetivamos neste campo normalizador e heteronormativo. Poderíamos pensar que o espaço do armário, então, seria uma lógica social que precede o próprio reconhecimento enquanto parte, ou não, de uma comunidade sexual. Assim, podemos também afirmar que nascemos no armário (uma vez que esta organização social precede a nossa existência) e nos tornamos gays (ou trans, lésbicas, sapatas, bi, pan, etc.) através dele. O armário não depende da nossa autonomia para decidir sobre os termos nos quais nos reconhecemos; ao contrário disso, ele impõe uma certa organização da sexualidade a partir do reconhecimento, uma natureza a ser constantemente produzida a partir de alguns constrangimentos e alguns convites à ação.

Isto é semelhante ao que Butler (2021) advoga sobre a censura como uma forma de produção discursiva a partir da proibição. A censura precede o texto (e conseqüentemente o discurso); apesar disso, ela é sempre um ato parcial que não consegue restringir o conteúdo por completo, uma vez que ela mesma enuncia publicamente os termos que busca abolir, tornando-os visíveis como proibição. Somente esta afirmação seria insuficiente para refletir sobre o problema da censura e do armário, uma vez que, como uma forma generalizada do funcionamento da linguagem, ela seria inevitável. Já que todo texto é censurado e a escrita exige uma seleção do que pode ou não ser dito, não faria sentido se opor às formas de censura. Contra isso, ela revisa esta tese argumentando que a inteligibilidade é formulada *no* e *pelo* poder. Sendo seu exercício raramente reconhecido como tal, a censura seria uma das formas mais implícitas de poder que atua através da elegibilidade, escapando dos termos que ele mesmo produz. Já as formas explícitas de censura, como as proibições morais ou jurídicas,

estão expostas a certa vulnerabilidade precisamente por serem mais facilmente decifráveis. A regulamentação que declara *aquilo que não quer declarar* frustra seu próprio desejo e comete uma contradição performativa que questiona a capacidade da regulamentação de significar e de fazer o que diz, ou seja, sua pretensão à soberania. Tais regulamentações introduzem o discurso censurado no campo do discurso público, estabelecendo-o como um lugar de contestação, isto é, como a cena do enunciado público que elas visavam proibir (Butler, 2021, p. 214).

Retornando ao armário, é porque as lógicas de censura e desconhecimento são também implícitas e dificilmente decifráveis como operações de poder que ele se torna um paradigma da experiência *queer*. Claro, o azul e o rosa presentes no discurso de lideranças políticas ou em rituais como chás de revelação são códigos facilmente decifráveis, mas o senso de uma “natureza” que regula o comportamento é algo que escapa dessa enunciação. O armário não produz somente o desconhecimento da sexualidade do “outro que sai”, mas também um desconhecimento da própria sexualidade, dos espaços até onde o desejo poderia circular. Muito provavelmente, num chá de revelação os convidados não estarão vestidos de azul e rosa, mas há grande probabilidade de eles se reconhecerem em algum termo de gênero que dará estabilidade a uma representação do que é ser “homem” ou “mulher”, mesmo que não saibam quando começaram a se identificar nestes termos. A proibição da “insubordinação” de gênero só é efetiva na medida em que o gênero também organiza o reconhecimento do próprio corpo e define os termos pelos quais alguém pode se identificar.

A censura explícita se apresenta de maneira legal ou social como código, mas implicitamente ela atua tornando inviáveis as representações (sejam elas corporais, estéticas ou discursivas) que ameaçam a dissolução de um senso inconsciente e involuntário de “ordem”, e, neste caso, de “natureza sexual”. A falha do armário aparece quando alguém se reconhece dentro dele, quando a ininteligibilidade se torna a percepção de uma proibição no campo do reconhecimento. Algo até então “indizível” e “implícito” torna-se algo que “não deve ser dito”. O fracasso da censura se dá pela sua “incapacidade de circunscrever de maneira eficaz o domínio social do discurso dizível” (Butler, 2021, p. 216), bem como a impossibilidade de subjetivação completa a partir dos meios jurídicos (*ibid.*) e outras formas explícitas de interdição. Se a censura é uma das formas pelas quais o poder se materializa nos e os discursos, isso também é um problema, uma vez que, ao assumir o caráter contingente da regulamentação e de sua própria fundamentação, a sua legitimidade enquanto forma de poder também é questionada.

Tanto a censura quanto o armário apresentam o problema da proibição não mais como uma interdição de enunciados, mas agora como um problema do campo da inteligibilidade social e do reconhecimento de si mesmos e dos outros por parte dos sujeitos. Neste campo discursivo, o sujeito não mais é entendido como uma equivalência ao indivíduo, mas como uma categoria linguística que é tanto o agente de um enunciado quanto formado e constituído pela mesma ação que enuncia (Butler, 2017). Tendo isto em mente, o “problema” da sexualidade nas igrejas evangélicas se constrange entre estes dois movimentos, de estrangimento e de produção, e da relação íntima entre eles na formação do campo normativo.

Homossexualidade, Celibato e Casamento

A missionária Priscila Coelho foi convidada pelo produtor e diretor de televisão Alex Passos, conhecido como Balaio, para apresentar o programa Amplificador na Rede Super de Televisão, a emissora de TV local da IBL, em 2011. O programa tinha a proposta de abordar temas que circunscrevem as experiências dos jovens evangélicos, alternando-os com produções culturais como música ao vivo e videoclipes. Dois anos depois, em 2013, a missionária iniciou o Movimento Cores (MC) com o objetivo de promover ações de evangelização direcionadas às pessoas homossexuais, que foi incorporado como um ministério da Lagoinha em 2014. Duas atividades recorrentes divulgadas pelo movimento, até o momento de realização desta pesquisa, foram o “Grupo Entendidos”, um grupo de estudos bíblicos que acontece semanalmente, às quartas-feiras, e o Grupo Alegria, às segundas-feiras, com ministrações e momentos de louvor e adoração.

Além das atividades nos espaços da Igreja, o Cores também marca presença em eventos direcionados ao público LGBT, abordando pessoas em bares, boates e inclusive durante a *Parada* de Belo Horizonte. A aparência física e comportamento de Priscila chamam a atenção quando comparados aos de outros líderes da Igreja. Ela é uma mulher negra, de aparência jovem, tem cabelo com dreadlocks, tatuagens e piercings, usa pouca maquiagem e roupas que não seriam facilmente identificadas como femininas. Enquanto seus pares utilizam trajes sociais, saias, vestidos ou vestuário de “grife”, a pastora era vista usando calças jeans, tênis de skatista e camisetas largas. Para ela, a sua aparência física destoante das expectativas de gênero tradicionais auxilia na aproximação do “público LGBT” ou “alternativos”.

Em pesquisa rápida na internet é possível recuperar vídeos de pregações, programas de TV, entrevistas e podcasts em que a pastora Priscila apresenta seu testemunho pessoal de conversão e sua trajetória de luta contra a própria sexualidade. Neste artigo, analisaremos a conferência realizada na edição de 2022 do Confracjovem, intitulada “Homossexualidade, celibato e casamento”, e alguns outros materiais evangelísticos do ministério. Esta ministração aconteceu na Igreja Matriz, em Belo Horizonte, no dia 22 de abril, foi transmitida ao vivo no canal do YouTube da Lagoinha e continua disponível publicamente (na data de publicação deste trabalho).

A palestra se iniciou com a apresentação dos líderes do Ministério Gerações, o casal formado pela pastora Vanessa Jaffar e o pastor Eduardo Queiroz. Este é um casal que destoa de algumas expectativas da liderança pastoral. Ambos são brancos, de aparência jovem, e usam roupas casuais em frente ao painel de LED que reproduz a identidade visual e o tema adotado naquele ano: Resistência. Assim como Priscila, sua forma de falar soa menos “ortodoxa”, eles utilizam expressões coloquiais e exemplos cotidianos em sua oratória. Ainda no início da conferência, antes da fala da convidada, Vanessa propõe aos espectadores que olhem para a pessoa ao seu lado e digam “sexo”. O objetivo é desinibir os fiéis para uma conversa mais descontraída sobre um assunto que normalmente é um tabu. “Hoje nós sofremos enquanto sociedade a consequência da omissão da igreja em falar sobre esse assunto”. Vanessa apresenta também um conceito de sexualidade ampliada, que vai além do sexo ou da “opção sexual”, “desejo”, “atração” e “pecado”. Sexualidade, para ela, diz respeito ao comportamento, à forma de relacionar-se com o mundo e, ao final, sobre a identidade de cada pessoa.

Priscila, que fala logo em seguida, responde à pergunta de Vanessa sobre por que a igreja demorou tanto a assumir a responsabilidade de falar sobre a homossexualidade. Para a pastora, a omissão está relacionada à falta de conhecimento teológico frente a questões profundas, sobre as quais a sociedade e os conhecimentos seculares se debruçam há muito tempo. Ela conta que teve uma grande surpresa quando pastoreou uma igreja de pessoas heterossexuais, ao descobrir que as pessoas ali também fazem sexo. Ela ironiza: “Gente, eu achei que só LGBTs eram os pecadores da face da terra!”.

Ela continua sua fala abordando sua trajetória pessoal e sua luta contra os próprios desejos e pecados. “Como todos sabem, eu não sou este testemunho de supermulher, de supercura”, “Sempre soube que a minha dificuldade se daria na minha orientação sexual”. Priscila conta que foi orientada na homossexualidade desde os 5 anos de idade e que, por isso, mesmo convertida, ainda tinha memórias afetivas e corporais desses momentos. “Nós somos construídos pelas nossas vivências, elas nos transformam de alguma forma”. Ela associa sua homossexualidade a este desenvolvimento sexual precoce, e mais adiante atribui a ela uma tentativa de lidar com um vazio emocional: “No relacionamento homoafetivo eu vejo muito mais usar o outro pra resolver um b.o. interno do que propriamente amor genuíno”. A pastora se queixa de a Igreja ter deixado de lado a ciência e a psicologia, que é um “trabalho interessante para quem tem trauma”, e a psiquiatria, que auxiliaria com uma medicação em casos de compulsão. Em relação aos saberes seculares, ela não os coloca em oposição, mas em complementaridade: “Você vai ser auxiliado por Deus, via profissional”.

O pastor Eduardo também apresenta um argumento contrário à demonização da sexualidade, isto é, torná-la apenas um problema de ordem espiritual. Para ele, esta seria uma saída “mais fácil” que lidar com o problema da sexualidade em todos nós,

que nos tornaria uma “pessoa melhor”. “A gente não é homem e mulher a partir do momento que a gente nasce. A gente, biologicamente, nasce macho e fêmea”, ele continua, “a gente, desde o ventre da nossa mãe, é bombardeado por rótulos”. “A gente desde que nasce tá buscando afeto, a gente é atraído pelo nosso desejo, e tá em busca de prazer”. O desafio, então, seria administrar todas estas esferas da vida sexual, para a qual se busca ajuda de Deus. Mais adiante, o pastor afirma que se há algo que a religião não consegue fazer, é reprimir a sexualidade. A sexualidade diria respeito à forma em que cada um se relaciona com o outro, e seria extremamente influenciada pelas primeiras referências quando “chegamos no mundo”. Essas diferentes referências promovem uma diversidade nas formas de se relacionar, já que os contatos com as figuras de masculinidade e feminilidade nunca são iguais entre as pessoas. Ele continua a falar sobre como este contato pode ser frustrado, o que ocorre quando as pessoas são apresentadas a uma masculinidade e feminilidade doentes. O erro da igreja, para ele, é tentar nivelar todos no mesmo patamar, sem atentar para estas histórias e vivências diferentes, que são somatizadas na sexualidade.

Novamente, ressalta-se a importância de uma prática evangélica humanista. A pastora Priscila também critica a Igreja por ter espiritualizado o evangelho, por querer lidar com os espíritos, não com os seres humanos. Ela afirma ser necessária empatia com as pessoas resistentes e exemplifica, novamente, através do abuso sexual que sofreu na infância: “eu passei por isso com 5 anos de idade, ‘eu não quero ser usada, eu já fui’”. “Geralmente a pergunta que acontece nesse momento é ‘Onde estava Deus quando eu fui abusado?’”, a qual ela responde “com você, chorando junto”. Para ela, essa é a postura que deve ser adotada: calar-se e chorar junto, uma vez que “o que o abuso faz em alguém não tem respostas”.

A conferência, que tem 1h33m de duração, continua a abordar a homossexualidade como um assunto a ser discutido dentro das igrejas e ressalta a importância de posturas não combativas frente às pessoas homossexuais, que são pecadores assim como todos os homens. Os pastores ressaltam como o celibato, tal qual o casamento, são dons divinos, e não soluções “finais” para os conflitos de cada sujeito e suas questões, que continuarão por toda a sua vida. O celibato é um dom no qual “você prefere abrir mão de uma vida promíscua para viver uma verdade”. Este não seria somente um problema das pessoas homossexuais, mas de todas as pessoas com algum conflito em relação à sua sexualidade. A “idolatria do casamento”, por exemplo, presente entre os fiéis, e a religiosidade excessiva são entendidas como causas de constrangimento para homossexuais, divorciados, assexuais ou qualquer pessoa que não se adegue a um enquadramento normativo.

Os pastores criticam as posturas combativas da igreja frente a este tema, atribuindo a elas uma hipocrisia. Ainda assim, colocam-se como contrários ao que é chamado de “Teologia Inclusiva” e de uma reinterpretação bíblica do pecado da homossexualidade. O pecado não é entendido somente como um problema de ordem espiritual, mas como uma questão identitária e emocional a ser tratada em nível subjetivo de forma contínua.

Em outro vídeo de Priscila, no programa “Nunca é Tarde”, apresentado pelo Pr. Lucinho Barreto, transmitido pela Rede Super e disponível no YouTube, ela conta seu testemunho. A começar por sua vida anterior à conversão, ela atribui ao abuso sexual que sofreu aos 5 anos o início do desenvolvimento precoce de sua sexualidade, que tornou “a parada do sexo” “muito aberta”, a ponto de se relacionar com os colegas

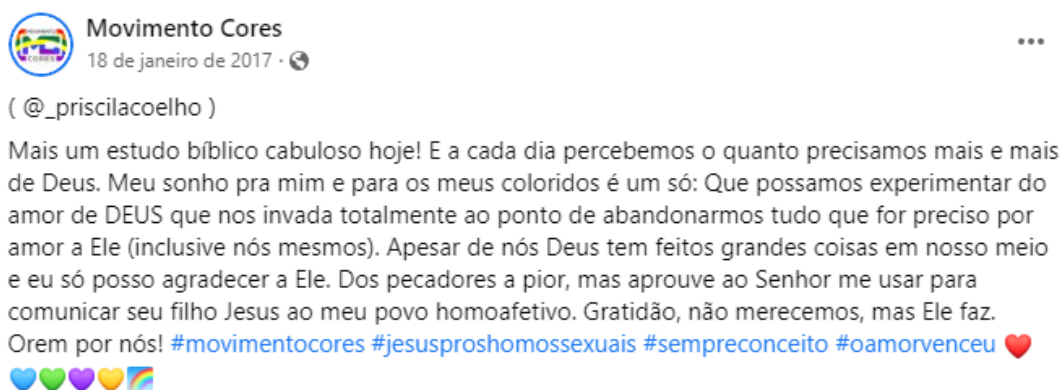
da escola desde muito cedo. Aos 14 anos, ela diz ter começado a gostar de garotas. “Já não tinha pecado suficiente na minha coluna, falei: ‘agora vou ficar com menina’. E aí me dei mal, total, porque a Bíblia diz que um abismo chama o outro”.

Falar sobre homossexualismo é muito complicado, só quem vive entende. Eu não acredito que uma pessoa acorda um dia e fala ‘Oi, sou gay.’. Só se o cara for louco. Porque é uma coisa que ninguém, nem os gays, eu afirmo isso pra você, vai dar um tanto de confusão, mas eu afirmo, nem os gays... porque eu tenho amigos... eles são felizes por serem gays... Porque é uma coisa mais forte que eles, porque eu sei que é. Eu só consigo dizer “não” para o homossexualismo e “não” pro pecado por causa do Cristo que habita em mim. Se eles não têm esse Cristo, eles não vão conseguir acordar e falar “Eu não quero ser gay. Eu não quero ser assassino. Eu não quero ser pecador. Eu não quero ser uma prostituta.” Sabe? Ninguém tem essa força. Essa força vem por causa do Espírito Santo. Então todos os dias, quando eu acordo, e às vezes eu tenho sonhos ruins com aquilo que eu era antes, eu acordo e Deus fala comigo: “Filha, é guerra. É luta. Você está no exército e eu já venci por você.” E isso me dá forças diariamente, eu vejo alguma coisa e fico... (Inspira...) Deus... porque Satanás, ele trás banquetes pra você...

O relato de Priscila associa a conversão religiosa e santificação como um processo constante de vigilância e luta contra a homossexualidade. Ela se manifesta através da fraqueza do corpo, e é marcada pela ausência de Jesus Cristo. A força advinda do Espírito Santo é o que torna possível vencer a “luta” contra os banquetes de Satanás. Aqui, a conversão da sexualidade é um processo indissociável da conversão ao cristianismo, e o testemunho é uma afirmação desta mudança e deste martírio. Vamos atentar a como o discurso se desdobra em ações evangelísticas, a partir das ações do Movimento Cores, liderado por Priscila.

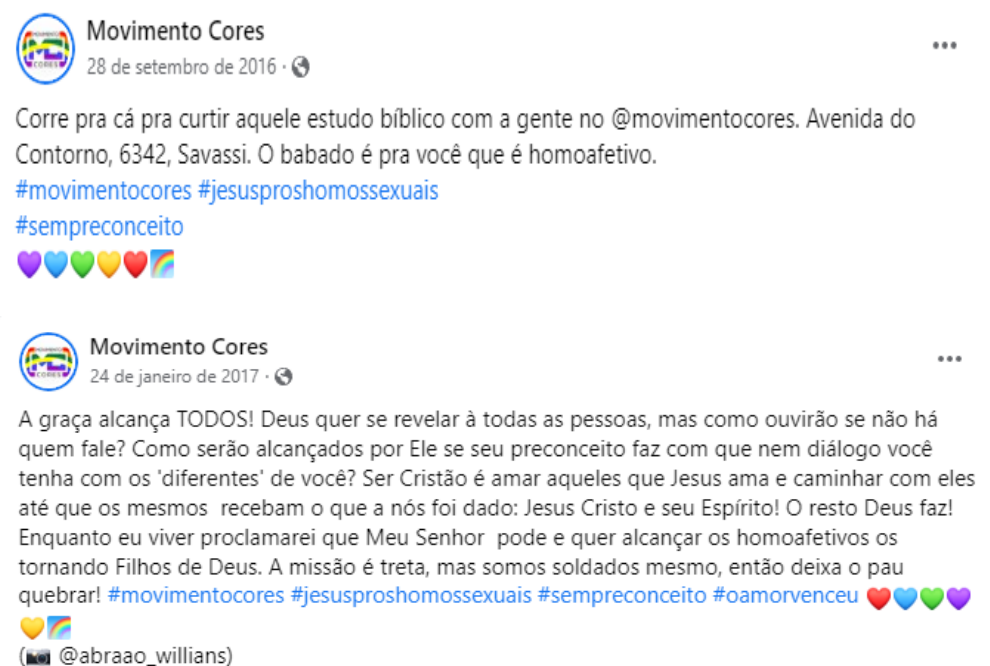
Apesar da postura amigável em relação às pessoas LGBT, a líder do Movimento Cores reitera frequentemente o caráter pecaminoso da homossexualidade, como é exemplificado a partir dos testemunhos e pregações anteriores. O ministério, sua líder e sua relação com a IBL já foram objeto de interesse de outros pesquisadores. No artigo “Solteirice e invisibilização: a relação entre religião e homossexualidade no ministério evangélico LGBTQ+ ‘Movimento Cores’” (Signates; Moura, 2019), os autores identificaram quatro condições de invisibilidade presentes no funcionamento do ministério: I) A invisibilização do mesmo, manifesta em sua separação física e ausência de divulgação por parte da igreja matriz e do núcleo onde se situava; II) O atendimento sigiloso, que se refere à opção de vários membros da igreja e do movimento em não participar das reuniões públicas; III) a solteirice e o contato reprimido: uma vez que qualquer relação homossexual ou homoafetiva é entendida como pecado, há poucos momentos de interação social fora do contexto das reuniões ou atividades do grupo; e IV) A invisibilização do líder, neste caso, manifesta na ausência de participação de Priscila em outros ministérios ou atividades que não estivessem relacionadas ao Movimento Cores. Apesar do ambiente amigável ao uso de símbolos culturais associados à comunidade LGBT, como roupas, músicas ou expressões linguísticas, esta aceitação não se estende às práticas sexuais e relações afetiva, e essas pessoas tampouco são bem aceitas em outros espaços da igreja, como na Lagoinha Matriz.

As duas atividades recorrentes divulgadas pelo Movimento Cores são o “Grupo Entendidos”, um grupo de estudos bíblicos que acontece semanalmente, e o Grupo Alegria, às segundas-feiras, com ministrações e momentos de louvor e adoração. Ao contrário do Ministério Gileade, que, durante os anos de seu funcionamento, manteve sua divulgação restrita às pequenas mensagens para “HOMOSSEXUAIS” no boletim *Atos Hoje*, o Movimento Cores tem uma presença intensa nas redes sociais, especialmente Instagram e Facebook, onde são divulgadas as atividades do ministério.



(Movimento Cores, página do Facebook, recuperada em maio de 2023).

As postagens e mensagens no perfil do Movimento, assim como as falas da Pra. Priscila, utilizam gírias ou expressões do “vocabulário LGBT”, referindo-se às pessoas “do babado”, além de outros símbolos que fazem referência a movimentos sociais e pautas políticas, como a bandeira do arco-íris, e as hashtags “#sempreconceito” e “#oamorvenceu”. Os textos têm um tom amigável às pessoas que não fazem parte da “comunidade religiosa” e reforçam a posição de acolhimento do grupo e uma representação amorosa de Deus.



(Movimento Cores, página do Facebook, recuperada em maio de 2023).



(Movimento Cores, imagem recuperada da página do Facebook, em maio de 2023).

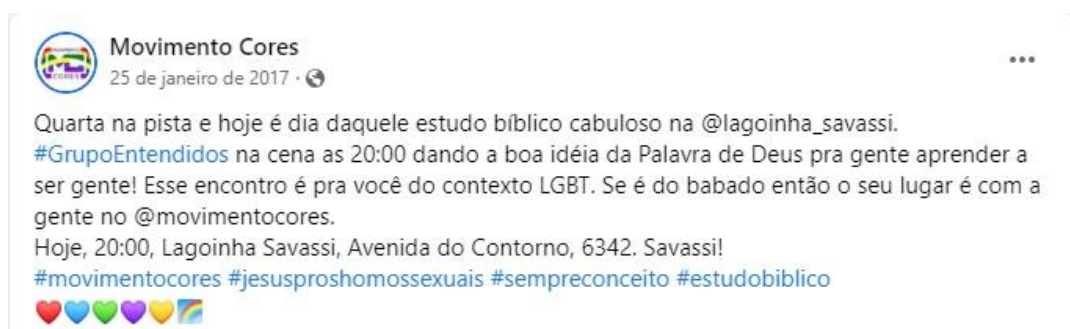
Uma das ações desenvolvidas com maior frequência pelo Movimento é a participação na Parada do Orgulho LGBT, onde abordam os participantes e os convidam a participar das reuniões do grupo. Além disso, as mensagens se direcionam ao público de “homoafetivos”, sem qualquer distinção entre termos como “lésbicas”, “gays”, “bissexuais” ou “transsexuais”. Entre as fotos recuperadas no Facebook, destaca-se o convite à participação na edição de 2016, acompanhado de uma foto do ano anterior, onde a frase “Jesus Cura Homofobia” aparece colada a um cartaz-bandeira do orgulho enquanto os membros do movimento posam, na Praça da Estação, ao lado de uma artista drag queen belorizontina, negra, em trajes festivos.

Nos trechos acima, assim como na foto publicada pelo movimento, “preconceito” e “homofobia” são termos utilizados para se referirem ao descumprimento da missão evangelística e missionária e como um desafio para estabelecer diálogo com a ‘diferença’. No entanto, o simples reconhecimento desta ‘diferença’ não representa um posicionamento contrário à condenação moral da homossexualidade como um pecado. Ao contrário disso, a “igualdade” faz referência à ideia de “pecado original” e à “graça” representada no amor de Deus pelos pecadores e na salvação, através do sacrifício no Calvário que “alcança TODOS!”. A ideia de que “o resto Deus faz!” reafirma a interpretação teológica de que o processo de transformação e de mudança acontecem como efeitos de tornar-se “Filho de Deus”, de submeter-se ao seu julgamento e abandonar uma vida “anterior” à conversão religiosa. O termo “diferença”, ao contrário de uma ideia de reconhecimento da diversidade, faz menção à expansão da Igreja evangélica para a vida secular, como uma forma de exercício de influência e expansão do domínio espiritual, assim como é identificado por Rosas (2015).



(Movimento Cores, página do Facebook, postagem recuperada em maio de 2023).

Assim como no testemunho pessoal de Priscila e em sua fala no Confrajovem, as postagens e mensagens sobre as ações de evangelização do Movimento promovem uma noção de cristandade incompleta. As referências ao pecado, ação demoníaca e salvação acontecem por meio de uma forma de comunicação amorosa, que reforça ideais de solidariedade entre os cristãos, transformação através da ação divina, e se refletem num processo contínuo de melhoramento pessoal. A verdade bíblica condena o pecado e, portanto, a homossexualidade, mas todos seríamos pecadores, cada um com seus próprios desafios e lutas contra a própria natureza humana e seus desejos carnis. Por isso, segue-se a missão de levar #jesusproshomossexuais #sempreconceito, a partir do princípio apostólico de que, “por verdade, Deus não faz acepção de pessoas” (Atos 10:34), mencionado diversas vezes pela líder em suas ministrações e testemunhos públicos.



(Movimento Cores, página do Facebook, postagem recuperada em maio de 2023).


O grupo também desenvolveu ações direcionadas aos familiares de pessoas LGBT. O “Cores Família” tinha o objetivo de apresentar o “mundo” dos “coloridos” aos familiares sob uma ótica de amor, cuidado e interação. O apoio à família tem por objetivo fortalecer as relações fragilizadas pela intolerância dos familiares frente à homossexualidade e uma resistência frente ao tema causada por uma “religiosidade” excessiva. Esta “religiosidade” é entendida como um apego aos dogmas. A acusação constante do pecado e a expulsão do espaço de convivência da igreja seriam formas pelas quais acontece a negação do pecado como natureza humana. É como o fariseu que bate em seu peito e afirma ser diferente dos homens pecadores, tornando-se cego ao próprio pecado e, por consequência, perdendo a predileção de Deus. Há um reconhecimento das dinâmicas de violência familiar, mas o preconceito e a homofobia são enquadrados como ameaças à missão evangelística, ao contrário da violação de algum direito. É curioso notar que as imagens de divulgação dos encontros reafirmam

“família” como algo equivalente às relações heterossexuais e reprodutivas, mesmo o ministério desenvolvendo suas atividades ao redor das relações “homoafetivas”. Uma delas mostra um casal formado por um homem e uma mulher brancos, de mãos dadas com crianças, caminhando na praia, sobrepostas pela marca d’água do grupo pintado em cores distintas, e um arco-íris ao fundo. O uso exclusivo destes elementos chama a atenção tendo em vista o contraste com as ministrações, assim como em outros materiais de divulgação, onde há uma afirmação da pluralidade do “público” do ministério.



(Movimento Cores, página do Facebook, recuperada em maio de 2023).

Outra ação empreendida pelo grupo foi uma palestra sobre infecções sexualmente transmissíveis. Com participação de um dos encontros da chamada “Parada Cores”, reuniões para exibição de filmes e documentários um médico e professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, a ação foi promovida como uma atividade educativa sobre a transmissão, sintomas e prevenção de ISTs. O evento era acompanhado por discussões com os líderes do movimento e outros convidados.

 **Movimento Cores**
25 de agosto de 2016 · 🌐

Você sabia que as doenças sexualmente transmissíveis são consideradas umas das doenças mais comuns e corriqueiras do mundo, com aproximadamente 340 milhões de casos por ano? No Brasil, entre 2009 e 2015, houve um aumento de 97% dos casos em que pessoas se submeteram ao tratamento pelo Sistema Único de Saúde (SUS), passando de 231 mil para 455 mil pessoas infectadas.

Quer saber mais sobre como se prevenir, sintomas, quais os principais meios de transmissão dentre outros? Você que é do contexto LGBT é nosso convidado para a palestra com o médico de família e comunidade, Marcelo Ribeiro, professor da PUC e clínico geral do Hospital Evangélico, na Lagoinha Savassi, hoje, 25 de agosto, quinta-feira.

Venha, traga um(@) amigo e fique por dentro do assunto de forma esclarecedora e objetiva. A prevenção ainda é o maior remédio. 😊

#movimentocores #jesusproshomossexuais

🌈🧡💚💙💜

Fonte: Organização Mundial de Saúde

(Movimento Cores, página do Facebook, recuperada em maio de 2023).

Articulação, Contradição e Política Sexual Religiosa

O discurso de aceitação da diversidade sexual dentro do Ministério Cores sobrepõe elementos que, à primeira vista, são contraditórios, mas adquire coerência interna a partir do processo da sua articulação. O grupo promove ações de prevenção em saúde sexual, ressaltando a presença de um profissional de saúde e professor universitário e usando recursos visuais que referenciam práticas sexuais não heterossexuais (uma camisinha com embalagem nas cores da bandeira do orgulho) e frases utilizadas nas campanhas de prevenção ao HIV/AIDS, “A prevenção ainda é o maior remédio”. Todavia, o grupo simultaneamente desenvolve atividades e ministrações que reafirmam a homossexualidade como uma forma de vida “promíscua”, condenada espiritualmente, a ser combatida através do celibato, da resistência aos desejos carnisais em oposição à verdade bíblica e através da misericórdia e graça divina.



(Movimento Cores, página do Facebook, recuperada em maio de 2023).

Nas ministrações da pastora Priscila, “infelicidade” e as “doenças sexualmente transmissíveis” são consequências do pecado original, da insubmissão a Cristo e de uma vida “mundana”. A articulação discursiva destes elementos acontece em meio ao uso de termos ambíguos e conceitos abstratos de amor e cuidado, como a mensagem “#jesusproshomossexuais” ou “#jesusproslgbts”, torna a “inclusão” e o combate ao “preconceito” como equivalentes à “evangelização” e o domínio sobre a vida secular. Ao mesmo tempo, a condenação da homossexualidade e a “luta contra o pecado” no celibato se articulam ao redor da concepção de “batalha espiritual” e estabelecem a diferenciação entre os pecadores “santificados” e aqueles ainda “escravos” do pecado. Ao longo dos anos, os materiais de divulgação do ministério parecem responder a algumas das demandas apresentadas por movimentos sociais e grupos ativistas, como a criação do “Negritude em Cores” como uma nova frente do Movimento, em março de 2023, cujo objetivo é enfrentar o racismo dentro do espaço religioso e ampliar a representatividade dentro da igreja. Argumentamos a seguir que a inclusão dos *homossexuais* no discurso religioso acontece a partir do não

reconhecimento, ou melhor, do reconhecimento da homossexualidade no campo discursivo como “abjeção”, ou, neste caso, “aberração”. Ao nosso ver, este processo não se resume a uma “cooptação” da diversidade, neste caso, da homossexualidade pelo campo religioso, mas é um dos efeitos da reorganização política deste campo discursivo.

A Igreja Batista de Lagoinha passou por inúmeras mudanças ministeriais e institucionais desde a sua fundação nos anos 60, sendo identificada como uma parte das igrejas do movimento “batista renovado”, igrejas que se originaram de tradições batistas, mas adotaram algumas práticas carismáticas, influenciadas pela expansão das igrejas pentecostais. Pereira (2011) aborda a história da igreja a partir do processo de “pentecostalização” desta “corporação religiosa” e da sua expansão tecnológica, mercadológica e comunicacional. Esta expansão pode ser identificada também na emergência do Ministério Diante do Trono no cenário “gospel” e da força das marcas relacionadas às suas lideranças (como identifica o trabalho de Rosas, [2015]), assim como na própria expansão da igreja nas duas primeiras décadas do século XXI, a partir da metodologia das “igrejas em células” e da construção de outras unidades chamadas “núcleos”, e de mais de 200 ministérios.

A emergência de um movimento evangelístico com discurso modulado às pessoas LGBT é um dos efeitos destas mudanças. Os esforços evangelísticos da Mocidade, que atualmente é parte da Lagoinha Gerações, permitiram à igreja tornar-se mais amigável às transformações culturais das últimas décadas e tornaram palatável a presença dos públicos “alternativos” em seu espaço, entre eles os “indivíduos homossexuais”. Durante o desenvolvimento desta pesquisa, frequentemente foi apontado por colegas, pesquisadores ou pessoas interessadas no tema que a Lagoinha era uma igreja menos conservadora, mais jovem ou mais aberta à diversidade em comparação com igrejas como Assembleia de Deus, Deus é Amor, Universal, Quadrangular, Congregação Cristã do Brasil.⁴ Entretanto, argumento que esta postura mais amigável à “diversidade”, como a criação de ministérios para a evangelização de pessoas LGBT ou o uso de elementos da “cultura secular”, ainda mantém em seu centro a mesma forma de ação que já era empreendida por seus antigos ministérios, como o Gileade, que apresentavam a conversão religiosa como forma de alternativa à homossexualidade. Isto acontece em meio à incorporação de elementos entendidos como “seculares”, como a bandeira do movimento LGBT, gírias ou expressões utilizadas na “sociabilidade homossexual”, o vocabulário científico e jurídico que reconhece a diversidade de gênero e sexualidade, e a flexibilização dos padrões estéticos.

Quando dispomos os discursos do Movimento Cores, da pastora Priscila Coelho, ao lado de discursos de outros líderes da Igreja, podemos perceber como a gramática da “inclusão” ou “exclusão” adquire novos contornos dentro do discurso religioso. Nota-se que há uma regularidade na construção visual das imagens, como no uso das “marcas” dos ministérios incorporando o arco-íris dentro da estética “evangélica”, um processo de transformação simbólica que articula estes elementos distintos, como a “cruz”, a “aliança” e o “arco-íris”, dando continuidade às interpretações teológicas sobre o processo de “conversão” que também aparecem na “cruz”, em retiros religiosos

⁴ Esta pesquisa foi desenvolvida entre 2020 e 2024. Alguns dos acontecimentos recuperados ocorreram simultaneamente ao desenvolvimento desta dissertação e não correspondem ao contexto atual. Apesar disso, considero estas informações relevantes para compreender a relação entre sexualidade e as igrejas evangélicas.

como o “Encontro com Deus” (Rausch, 2024) e nos testemunhos religiosos. Ao mesmo tempo, estabelecem-se outras diferenças e equivalências que não correspondem ao reconhecimento da diversidade de gênero e sexualidade em outras cadeias de significado. O “combate ao preconceito” é um destes novos significados, que é articulado como uma prática evangelística e ministerial. Apesar destas proximidades e continuidades discursivas, este movimento não acontece sem resistências ou “atritos”.

A repercussão dos discursos de André e Ana Paula não foi necessariamente bem-vista pelos membros da igreja ou por outros ministérios. Outras lideranças religiosas da Igreja, como o ex-pastor-presidente Márcio Valadão e o pastor Flaviano Marques, são conhecidas por serem mais moderadas e terem discursos menos inflamados, e exercem maior influência interna entre os pastores e líderes ministeriais. Além disso, estas declarações públicas também encontraram forte resistência no meio midiático e político. Exemplo disso é o fato de que, em 2020, o pastor André Valadão publicou em seu Instagram uma caixa de perguntas para interagir com o público. Um de seus seguidores enviou, de maneira anônima, a seguinte pergunta: “Dois rapazes que são membros da igreja estão namorando, expulsa eles? Ou deixa na igreja” (Gospel Minas, 16 de outubro de 2020).

Entendi. São gays.

Então, a igreja tem um princípio bíblico. E a prática homossexual é considerada pecado.

Eles podiam ir para um clube gay ou coisa assim. Mas na igreja não dá. Esta prática não condiz com a vida da Igreja. Tem muitos lugares que os gays podem viver sem qualquer forma de constrangimento. Mas na Igreja é um lugar para quem quer viver princípios bíblicos. Não é sobre a igreja expulsar. É sobre entender o lugar de cada um. (Gospel Minas, 16 de outubro de 2020).

Logo em seguida, a pastora Priscila Coelho publicou um vídeo em seu perfil com uma mensagem contrária à fala de André, convidando a “comunidade LGBT” a fazer parte das reuniões do Movimento Cores, que ainda era vinculado à Lagoinha Savassi.

Fala galera, acabamos de ter o nosso encontro via zoom, aqui no Movimento Cores com a comunidade LGBT, e eu tô vindo aqui pra dizer pra você, que está nos ouvindo, que é LGBT: o lugar de você estar é dentro da igreja, sim. O lugar de você se relacionar é dentro da igreja com cristãos, com pessoas de verdade que vão te amar, vão acolher, que vão estar com você se passar por tudo. Independente da sua condição emocional, da sua condição financeira, de classe, de identidade de gênero, seja lá quem você for, o seu lugar é dentro da igreja. Né? Porque Jesus é um Deus amoroso que acolhe a todos e todas. Jesus é um Deus que nos alcançou quando a gente ainda odiava quem ele era, e essa mensagem não muda. Essa mensagem é a mensagem bíblica.

Então, saiba que aqui na nossa comunidade Lagoinha Savassi você é bem acolhido, recebido, amado. Você pode vir do jeito que você é, sendo quem você é, é um privilégio pra gente ter vocês. Na realidade, o privilégio é da Lagoinha Savassi de ter LGBTs aqui, ok? Então sintam-se em casa, permaneçam com a gente, Deus é Deus. Deus é acolhedor, que é um Deus que ama, que é um Deus onde a bíblia disse que no seu filho Jesus... inclusive ele andou com gente que a

galera não gostava, que a sociedade não gostava, que o povo, né, tinha como sendo os à margem; e Jesus fez questão, graças a Deus, de caminhar e amar esses e essas.

Por favor, não deixe ninguém dizer o contrário pra você. Deus te ama, e de fato ele está cotidianamente com os olhos amorosos dele sobre sua vida, ok? Fique à vontade por ser movimento com a gente, fique à vontade em ser igreja junto com a gente, estar na igreja junto com a gente. Lagoinha Savassi vai continuar sendo acolhedora a Lagoinha de todos e todas, onde todas as tribos são muito bem-vindas, independente de qualquer coisa, de qualquer culpa que você tenha, de como você se sinte, do seu coração, de tudo. Sinta-se acolhido e acolhida, ok? Essa é a ideia pra você hoje.

Beijo no coração, e é nós. Seguimos sempre, sempre resistente, seguiremos. Até mais. (Gospel Minas, 16 de outubro de 2020).

O episódio repercutiu rapidamente nas redes sociais e entre os portais de notícias evangélicos. Os vídeos não estão mais disponíveis em seus perfis, mas foram recuperados no YouTube de um portal de notícias gospel, onde foi publicada uma retrospectiva do conflito. Alguns dias depois, Priscila falou sobre o evento, disse ter conversado por telefone com o pastor André, e afirmou que nunca houve nenhum conflito entre os dois e que ele sabia da atuação de seu ministério. André também foi questionado em seu perfil sobre uma “pastora lésbica”, por meio de uma mensagem que dizia “Priscila né lésbica não”, fazendo referência à sua conversão e à postura celibatária que ela assume publicamente.

Em 1º de abril de 2023, o TAB (um dos portais jornalísticos do UOL) publicou uma matéria sobre a sucessão do pastor Márcio Valadão, na matriz da Igreja Batista da Lagoinha, pelo pastor Flaviano/Flavinho Marques, anteriormente líder da Lagoinha Savassi. O “novo” pastor é apresentado como um contraponto a André Valadão, por sua presença menos frequente nas redes sociais, seu discurso mais moderado e sem comprometimentos políticos. A matéria também apresenta o relato de alguns fiéis e ex-fiéis entrevistados, inclusive membros do Movimento Cores: “Flavinho é um cara incrível, mais tranquilo, mais neutro, que trata todo mundo bem e não fala de política”, “A agressividade e a intolerância do André não abalam a minha fé”, “E existe muita gente na Lagoinha que pensa como eu – hoje, não diria que somos minoria mais” (Sayuri; Aguiar, 2023).

Alguns meses depois, em junho de 2023, o perfil da IBL publicou o vídeo da pregação “Deus Odeia o Orgulho” em seu canal do YouTube, que também foi compartilhado em outros canais de comunicação da Igreja. No vídeo, gravado em Orlando e removido dos canais da igreja⁵, o pastor critica o posicionamento amigável das famílias e igrejas evangélicas frente à homossexualidade. Neste momento, ele também afirma que Deus teria destruído a humanidade por sua “imoralidade sexual” e afirma que a Bíblia diz que “homossexuais passivos ou ativos não herdarão o reino de Deus”.

No culto do dia 2 de julho de 2023, também em Orlando, o pastor retomou a passagem bíblica do dilúvio e o compromisso da aliança como o motivo pelo qual Deus não teria destruído novamente a humanidade por sua imoralidade sexual. Ele

⁵ Os trechos utilizados no texto foram transcritos na data da publicação dos vídeos, todavia, não foi possível recuperar a fonte original. Alguns deles podem ser acessados em notícias e matérias publicadas em portais de notícias evangélicas.

associou a legalização do casamento homossexual à sexualização infantil. Os trechos repercutiram nas redes sociais e na imprensa, em alguns momentos sendo interpretados como uma incitação ao assassinato, e geraram denúncias junto ao Ministério Público Federal, especialmente por parte da deputada federal Erika Hilton.

Agora é a hora de tomar as cordas de volta e dizer: Pode parar, reseta. Aí Deus fala: “Não posso mais, já meti esse arco-íris aí. Se eu pudesse, matava tudo e começava de novo. Mas prometi pra mim mesmo que não posso então agora tá com vocês”.

Pouco tempo depois, a pastora Priscila Coelho anunciou seu desvinculamento da Igreja Batista de Lagoinha em vídeo publicado no Instagram, recuperado no perfil “Portal do Trono”, na plataforma Dailymotion. O Movimento Cores, da qual ainda é líder, agora opera de maneira autônoma, com reuniões em uma livraria num shopping na região central de Belo Horizonte. No vídeo, Priscila conta que iniciou na Lagoinha e se mantém grata a ela, onde se converteu e de que fez parte por 15 anos, e foi ordenada pastora pelo pastor Márcio Valadão, a quem ela descreve como alguém “íntegro, honesto, maravilhoso, dócil, gentil” que sempre a viu para além de sua aparência física, e que, assim como outros pastores, sempre entenderam e respeitaram seu tempo, que a incentivaram a se tornar “mais parecida com Jesus”.

Ela conta que, após oração, busca e conversa com Deus, e depois de conversar com “seus meninos e meninas” do Movimento Cores, “a Priscila” decidiu se desligar da Igreja Batista da Lagoinha. Ela reafirma que sua escolha foi tomada a partir de sua convicção pessoal, com sua escolha de fé, e a partir do Deus que ela vê, como um “Deus de amor, tolerante, empático, misericordioso, longânimo, que lida com as pessoas com afeto, com carinho, com cuidado e com respeito”. Ela afirma que estes valores sempre foram pregados e vividos dentro do Movimento Cores e da “Denominação” (como ela chama a Igreja Batista de Lagoinha), mas que atualmente não concorda nem compactua com a “série de coisas” que aconteceram nos dias anteriores.

Ela reafirma o espaço do Movimento Cores como um lugar de tolerância com as diferentes perspectivas, inclusive teológicas, sobre a homossexualidade, tendo integrantes casados, celibatários, que concordam e discordam de seu caráter “pecaminoso”, pessoas em dúvida em relação à própria sexualidade, pessoas inclusivas e afirmativas, e inclusive de outras religiões. Ela reafirma que esta foi uma decisão sua e do Movimento e que recebeu pedidos da Lagoinha para continuarem vinculados à Igreja, mas que, a partir daquele momento, seguiriam “em amor”, pregando a palavra de Jesus que “morreu por todas as pessoas” e dizendo para que “quem não tem pecado que atire a primeira pedra”. Apesar disso, conta que nos últimos meses passou por um processo de luto e se entristecia em se desvincular do pastor Flaviano Marques e do pastor Márcio Valadão, a quem se refere como mentores. Mas afirma que “gratidão não é algema”, e que precisou aprender a desistir e seguir em frente, pedindo às pessoas que não especulassem sobre a saída do Movimento da Lagoinha, e reafirmou ter muito “orgulho” dos seus membros e da comunidade LGBTQIA+.

Apesar destes atores reivindicarem posições distintas, a relação entre eles não é necessariamente “antagônica” ou “conflituosa”. Ao invés disso, eles parecem se organizar a partir do próprio discurso religioso como partes diferentes de um corpo, representando cada uma delas uma “função” ministerial distinta, ou um dom concedido pela graça de Deus, como na passagem bíblica:

Porque assim como num só corpo temos muitos membros, mas nem todos os membros têm a mesma função, assim também nós, conquanto muitos, somos um só corpo em Cristo e membros uns dos outros, tendo porém diferentes dons **segundo a graça** que nos foi dada: se profecia, seja segundo a proporção da fé; se ministério, dediquemo-nos ao ministério; ou o que ensina esmere-se no fazê-lo; ou o que exorta faça-o com dedicação; o que contribui, com liberalidade; o que preside, com diligência; quem exerce misericórdia, com alegria (Romanos, 12:4-8).

A “verdade”, “vontade”, “graça” ou “palavra” de Deus (termos pouco precisos, mas com intenso valor moral) atuam como nódulos articuladores da diferenciação entre os membros da igreja, a partir de suas funções ministeriais, assim como entre os pecadores “santificados” e os “escravos” do pecado, a partir da conversão como um ato de misericórdia e redenção dos “pecadores” a partir da Cruz. Do mesmo modo, a definição do “pecado” não é feita a partir da delimitação de uma conduta contrária a um conjunto de valores, à qual se oferece uma acusação. Ele também é um nódulo articulador, desta vez da equivalência, entre os cristãos e não cristãos, da fronteira entre a Igreja e o Mundo Secular, a ser conquistado e remido. Entre estes movimentos de diferenciação e equivalência, o discurso religioso não somente “expulsa” ou “exorciza” a homossexualidade de seu interior. Ao contrário disso, ela é introjetada como um objeto regulado, produzida como uma perturbação da natureza, uma aberração contrária à “vontade divina” ou como “abjeção” (Butler, 2015). Nos efeitos desta proibição, os “homossexuais” tornam-se sujeitos reconhecidos a partir da sua transformação moral, e a abjeção do pecado é isolada numa conduta a ser projetada no passado. Essa operação, contudo, exige do sujeito o esforço cotidiano de converter-se tanto em seu sentido religioso quanto estético, organizando as formas pelas quais ele será reconhecido a partir das relações de alteridade, mas também nas formas pelas quais a alteridade será internalizada e experimentada no próprio corpo.

Considerações Finais

A produção discursiva “da Lagoinha” sobre a homossexualidade articula “elementos” (Laclau; Mouffe, 2015) à primeira vista contraditórios. As falas dos líderes da instituição constantemente atuam sobre os limites do reconhecimento, enunciando a homossexualidade como um pecado, ao mesmo tempo que produzem os “sujeitos homossexuais” como dignos de misericórdia ou graça divina. Ao pensar a proibição da homossexualidade a partir da sua dimensão produtiva, podemos compreender como os discursos sobre práticas como o celibato ou a conversão da sexualidade “reprimem” e tentam “apagá-la” da vida social, ao mesmo tempo que fazem emergir experiências reguladas da homossexualidade que só podem ser experimentadas como uma proibição. Em outras palavras, os discursos que promovem o celibato não seriam uma renúncia da homossexualidade, mas uma forma particular de experimentá-la como uma renúncia.

Quanto às performances da homossexualidade no contexto religioso, essas enunciações evidenciam que a inclusão destas práticas e identidades dentro das igrejas não necessariamente implica um reconhecimento de sua legitimidade, ou dos sujeitos que as corporificam. Ao contrário disso, tanto os ministérios evangelísticos voltados às identidades LGBT como os discursos inflamados da igreja matriz operam uma forma

de reconhecimento social das homossexualidades que parece localizá-las num campo exterior constitutivo da própria legitimidade social. Esta “fronteira” que constitui os enquadramentos de legitimidade operados nesses discursos religiosos não constitui apenas formas de “repressão” ou “exclusão” da homossexualidade do campo religioso, mas uma forma de inclusão marcada por um reconhecimento precário, como “abjeção” (Butler, 2015). É uma articulação entre os elementos de discursos precedentes dos movimentos sociais, conceituações contemporâneas sobre identidade de gênero e orientação sexual e as interpretações bíblicas que localizam a divergência dos ideais cisheteronormativos como pecaminosa e contrária aos princípios morais do cristianismo e à “vontade de Deus”. Os efeitos performativos desta operação transformam a homossexualidade numa identidade abjeta: ao mesmo tempo que esta seria uma categoria que diria respeito às identidades políticas adotadas por pessoas LGBT, elas estão localizadas num campo de reconhecimento negativado, marcado pela violência e formas de incidência do poder sobre o corpo que, ao mesmo tempo que buscam mantê-lo vivo, expõem os “dejetos” de seu contorno político.

O conceito de articulação (Laclau; Mouffe, 2015) permite compreender a formação destas cadeias de equivalência que tornam os significados da homossexualidade mais próximos aos das representações escatológicas ao mesmo tempo que estes significantes se tornam cada vez menos equivalentes aos significados anteriores a este processo. Os significados da homossexualidade são transformados neste processo, mas os significados de sofrimento, promiscuidade ou outros significantes presentes no discurso religioso também se transformam em novos momentos, novas diferenças organizadas hierarquicamente, que se relacionam à história anterior à sua articulação, ao mesmo tempo que agenciam novos significados.

O “caso” do desligamento do Movimento Cores da Igreja Batista de Lagoinha mostra também como este processo implica conflitos e tensões constantes dentro do campo hegemônico. Uma concepção homogeneizante de hegemonia, como um campo estável e sem contradições, não daria conta da sua complexidade e das suas transformações. Ao mesmo tempo que as equivalências discursivas estabelecem pontos de aproximação em nódulos como o “pecado” ou “vontade divina”, que permanecem relativamente estáveis, a estabilidade destes significados é disputada pelos atores “em cena” em posicionamentos, não necessariamente antagônicos, mas diferenciais. A concepção da Igreja como um “corpo”, com seus “diferentes membros” e “diferentes funções”, aponta para as reorganizações do poder pastoral para uma nova gramática, que não somente dá conta da complexidade das diferentes “ovelhas”, sua intimidade e vontades, mas também as integra no funcionamento orgânico deste corpo social. Vale ressaltar que a emergência dos novos discursos conservadores evangélicos e o protagonismo midiático dos líderes religiosos vinculados à Igreja Batista de Lagoinha ainda se relacionam às redes do que podemos nomear uma política antigênero transnacional (Prado; Corrêa, 2018).

A Lagoinha, que intensificou sua atuação política no contexto regional e nacional nas primeiras décadas do século XXI, mantém relações estreitas com grupos evangélicos estadunidenses que promovem ações contrárias aos direitos sexuais e reprodutivos na esfera judicial, além de incidirem sobre as categorias médica e psicológica a fim de promover as “Terapias de Reorientação Sexual” nos Estados Unidos da América e ao redor do mundo. Esta aproximação ideológica e política de grupos como o – agora extinto – Exodus International e a NARTH (National Association

for Research & Therapy of Homosexuality) se reorganiza no contexto atual das ofensivas e políticas ideológicas contra o gênero e a diversidade sexual nas instituições do Estado brasileiro em nível local, regional e nacional (Côrrea; Prado, 2024). As ações dos vereadores, deputados e senadores vinculados à igreja, contrárias aos direitos sexuais e reprodutivos, ao reconhecimento dos direitos das pessoas trans, ao casamento igualitário e à adoção homoparental, ganham grande atenção midiática. No entanto, estes discursos também incidem em outras esferas institucionais, em órgãos do Poder Judiciário e Executivo, e ampliam os espaços de atuação e a efetividade das ações promovidas pelos grupos religiosos conservadores.

O cenário político atual, de emergência dos novos autoritarismos que adentram as instituições democráticas socialmente reconhecidas, exige das ciências sociais e humanas novos marcos epistemológicos e metodológicos para a compreensão destes fenômenos. Ao contrário da repressão da homossexualidade, o que vislumbramos é, na verdade, sua expansão na vida social como um objeto socialmente regulado. As teorizações de Michel Foucault sobre a “hipótese repressiva”, rearticulada nas teorias de gênero contemporâneas, nas concepções da teoria da performatividade (Butler, 2019; 2020), permitem adentrar o debate sobre religião e política a partir da sua dimensão produtiva, daquilo que efetivamente “fazemos” em termos de sexualidade, dos processos performativos da heterossexualidade como uma natureza imutável e inevitável. Estes discursos, como formas de conhecimento, operam dentro daquilo que podemos nomear como uma “política sexual epistemológica” (Rausch, 2024), não somente como entidades contemplativas, mas como formas de regulação e produção da realidade material, que expandem seu domínio no debate público e na esfera institucional.

Referências

- A BÍBLIA TEEN. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. São Paulo: Hagnos, 2004.
- BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- BUTLER, Judith. *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. São Paulo: n-1, 2019.
- BUTLER, Judith. *Discurso de ódio: uma política do performativo*. São Paulo: Ed. Unesp, 2021.
- CONFRAJOVEM 2022 – WORKSHOP – “HOMOSSEXUALIDADE, CELIBATO E CASAMENTO”. 2022. Vídeo no YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/yUlcfbUZuPo>. Acesso em: 12 jul. 2024.
- CÔRREA, Sonia; PRADO, Marco Aurélio. “Ideologia Familista” nas ofensivas contra gênero na educação: conexões conservadoras transnacionais. *Educação & Sociedade*, v. 45, p. e275372, 2024.
- GOSPEL MINAS. 16 out. 2020. Após discussão envolvendo André Valadão sobre gays, Movimento Cores se manifesta. Vídeo no YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DZaFdg6u_1M. Acesso em: 12 jul. 2024.
- GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi; KLAUS, Viviane; PEREIRA, Ana Paula Marques. Pesquisa documental histórica e pesquisa bibliográfica: focos de estudo e percursos metodológicos. *Proposições*, v. 33, p. e20200141, 2022.
- HOMOSSEXUALIDADE – Testemunho Encarnado. Priscila Coelho. 2013. Vídeo no YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/PvGpalParkw>. Acesso em: 12 jul. 2024.
- LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. *Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrática radical*. LOCAL DE PUBLICAÇÃO: Intermeios, 2015.

- NUNES, Denise Bacellar; SIMEÃO, Elmira; PEREIRA, Ondina. A prática da pesquisa documental em Psicologia. *Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação*, v. 13, n. 1, p. 339-359, 2020.
- PEREIRA, Reinaldo Arruda. *Igreja Batista da Lagoinha: trajetória e identidade de uma corporação religiosa em processo de pentecostalização*. Tese (Doutorado) – Universidade Metodista de São Paulo, 2011.
- PRADO, Marco Aurélio Máximo; CORREA, Sonia. Retratos transnacionais e nacionais das cruzadas antigênero. *Revista Psicologia Política*, São Paulo, v. 18, n. 43, p. 444-448, dez. 2018.
- PRISCILA Coelho se pronuncia pela primeira vez após desligamento da Lagoinha. Vídeo publicado no Instagram, recuperado do canal Portal do Trono. Disponível em: <https://www.dailymotion.com/video/x8miyds>. Acesso em: 12 jul. 2024.
- RAUSCH, Antonio Augusto Lemos. *Práticas religiosas, (homo)sexualidade e Psicologia: política sexual e subjetivação entre a Igreja e o Mundo*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2024.
- ROSAS, Nina. Cultura evangélica e “dominação” do Brasil: música, mídia e gênero no caso do Diante do Trono. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.
- SÁ-SILVA, Jackson Ronie *et al.* Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, v. I, n. I, p. 1-15, jul. 2009.
- SAYURI, Juliana; AGUIAR, Leandro. Fiéis LGBTQIA+ resistem a André Valadão à frente da Lagoinha: ‘Radical’. 2023. TAB – Repórteres na rua em busca da realidade. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2023/04/01/fieis-lgbt-e-batistas-raiz-resistem-a-andre-valadao-na-lagoinha-radical.htm>. Acesso em: 12 jul. 2024.
- SEDGWICK, Eve K. Epistemologia do Armário. *Cadernos Pagu*, n. 28, p. 19-54, jan.-jun. 2007.
- SIGNATES, Luiz; MOURA, Thales. Solteirice e invisibilização: a relação entre religião e homossexualidade no ministério evangélico LGBTQ+ “Movimento Cores”. *Revista Ártemis*, v. 30, n. 1, p. 367-383, 2019. DOI: 10.22478/ufpb.1807-8214.2020v30n1.45259
- TOGNINI, Enéas; ALMEIDA, Silas Leite. *História dos Batistas Nacionais*. Brasília: LERBAN, 2007.

Declaração de Coautoria: Antônio Augusto Lemos Rausch afirma ser o primeiro autor e ter sido responsável pela “elaboração, análise e interpretação dos dados do manuscrito”, em colaboração com o coautor. Marco Aurélio Máximo Prado declara sua “a colaboração na elaboração, análise e interpretação dos dados no manuscrito”. Ambos assumem total responsabilidade ética e científica em relação ao conteúdo do artigo.

*Minicurrículo do/a(s) Autor/a(s):

Antônio Augusto Lemos Rausch. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2024). Pesquisador do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBTQIA+ da Universidade Federal de Minas Gerais. Pesquisa financiada pela CAPES (Processo nº 88887.653964/2021-00). E-mail: altoniolemos@gmail.com.

Marco Aurélio Máximo Prado. Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2000). Docente junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Pesquisa financiada pelo CNPq (Processo nº 313554/2021-8). E-mail: mamprado@gmail.com.

Avaliador 1: Homero Henrique de Souza, [Orcid](#);

Avaliador 2: Pedro Henrique Almeida Bezerra, [Orcid](#);

Editores de Seção: Bruno Bartel, [Orcid](#);

Emanuel Freitas da Silva, [Orcid](#).